



## SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2016
<b>Local</b>	Campus do Vale - UFRGS
<b>Título</b>	A narrativa literária em Kafka: um exercício de escuta clínica
<b>Autor</b>	HÉLIO JOSÉ DE ABEL GARSKE
<b>Orientador</b>	MARTA REGINA DE LEO D AGORD

Título: A narrativa literária em Kafka: um exercício de escuta clínica.

autor: Hélio José de Abel Garske  
orientadora Marta Regina de Leão D'Agord  
Instituição: UFRGS

O trabalho surgiu como um exercício de escuta clínica psicanalítica do discurso do narrador da obra *Carta ao pai* de Franz Kafka. Tal exercício tem por objetivo o desenvolvimento da escuta psicanalítica que é utilizada no contexto clínico-terapêutico com pacientes em atendimento. Esta pesquisa tem relevância para a formação de estudantes na aproximação ao contexto clínico psicanalítico.

O paciente na clínica se aproxima do narrador, Franz, por também construir uma narrativa. Ela se constitui enquanto realidade psíquica e tem efeitos subjetivantes no narrador. Outro motivo para escolha do livro foi por ele ser uma carta, logo se endereçando a alguém evocando a ideia de um interlocutor, endereçamento também presente no discurso de um paciente em análise em relação ao analista.

O método utilizado foi a escuta psicanalítica do texto, leitura pela escuta e escuta da leitura, a leitura polissêmica, através do que se intentou ultrapassar o que residia no enunciado e acessar a dimensão do não-dito (isto é, um outro sentido, por exemplo, alegorias, alusões, ironias, metáforas). Tal método nos permite obter dois níveis de leitura, o primeiro mais identificado com o narrador e um segundo mais distanciado dele. Esses dois níveis se aproximam bastante da escuta psicanalítica, onde em um primeiro momento se escuta o paciente e em outro, se analisa o discurso trazido pelo mesmo, geralmente em supervisão.

Com a leitura da obra, vemos como movimentos presentes na clínica aparecem também na narrativa Kafkiana de maneira bem clara. Observamos também que o pai ao qual o narrador se dirige, não é a pessoa do pai, mas a posição na qual o próprio narrador se situa em relação ao pai. Ao longo da obra o sujeito passa de uma posição de submissão ao pai tirânico-imaginário para a reconciliação com o sintoma.

Outro ponto fundamental é a observação de momentos em que o narrador se ausenta do enunciado do seu discurso, com termos como “a gente”, “A” ou “B” e “nos”, em momentos que tratam de sentimentos muito fortes e importantes para ele. Podemos pensar que o tempo todo está se tratando de uma narrativa sobre o passado (infância, adolescência) porém quando o tempo abordado é o presente (enquanto escreve a carta) o narrador lança mão do “a gente” para impessoalizar o enunciado, mantendo assim a distância que antes era preservada com o tempo verbal do texto (pretérito).